

A CLASSE OPERÁRIA VAI AO PARAÍSO: ALIENAÇÃO PELO TRABALHO

THE WORKING CLASS GOES TO PARADISE: ALIENATION BY WORK

Gilson Luiz Rodrigues Souza¹

Tiago Mendes de Oliveira²

Eu sou uma máquina, eu sou uma roldana, eu sou uma rosca, eu sou um parafuso, eu sou uma correia de transmissão, eu sou uma bomba, aliás, a bomba está estragada, não funciona mais, e agora não pode mais ser reparada. (PETRI; PIRRO & TUCCI, 1971, através do personagem Lulu Massa).

“A Classe Operária Vai ao Paraíso” (*La Classe Operaia Va in Paradiso*) é um filme italiano, lançado em 1971 e ganhador da Palma de Ouro no Festival de Cinema de *Cannes*, no ano seguinte. Foi dirigido por Elio Petri, produzido por Ugo Tucci, com argumento e roteiro de Elio Petri e Ugo Pirro.

A história se passa na década de 1970, portanto, contemporâneo ao lançamento do filme e busca demonstrar, com fidelidade, a realidade, não só no interior das fábricas, como também nos ambientes para além das linhas de produção.

¹ Mestrando em Turismo e Meio Ambiente pelo Centro Universitário UNA. Mestrado interrompido em Educação pela Universidade de Itaúna. Especialização em Gestão de Pessoas e Gerenciamento Empresarial e em Gestão Educacional: Coordenação, Supervisão e Direção pelo Centro de Ensino Superior de São Gotardo. Especialização em Teoria e Método em História Moderna e do Brasil pelo Centro Universitário de Belo Horizonte. Aperfeiçoamento em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Federal de Uberlândia. Licenciatura em História pelo Centro Universitário Newton Paiva e em Pedagogia pela Universidade de Uberaba. Técnico em Eletrônica pelo Colégio Padre Eustáquio. Professor Universitário do Centro de Ensino Superior de São Gotardo desde 2006, atuando nos cursos de Pedagogia, Administração e Engenharia de Produção e Especialização em Psicopedagogia e Gestão Educacional. Coordenador do Departamento de Estágio Supervisionado desde 2006. Professor da Educação Básica desde 1995, atuando nas disciplinas de História e Geografia. Experiência com Gestão e Telecomunicações.

² Cursando Especialização em Formação Pedagógica para a Educação à Distância pela Escola Superior Aberta do Brasil; licenciado em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior de São Gotardo. Aperfeiçoamento em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Federal de Uberlândia. Coordenador de Projetos e Extensão e Coordenador de Gestão da Qualidade do Centro de Ensino Superior de São Gotardo. Editor da Revista Brasileira de Educação e Cultura e da Revista Brasileira de Gestão e Engenharia. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1429155121636329>.

Todos estes espaços convergem rumo a movimentos sociais, ainda que sem objetivo comum, mas sempre com perspectivas voltadas para melhoria de qualidade dos padrões de vida da classe operária, embasados por autores socialistas.

Ludovico Massa, conhecido como Lulu é um operário-padrão, que se esmera para produzir mais e, assim, obter maiores salários, já que estes variam com a produtividade. É utilizado pelos administradores da fábrica como referencial de produção, pois consegue suplantar todas as cotas imperativamente colocadas pelos patrões. Seus colegas não aceitam tal postura, de ser “instrumento de medida”, e mesmo sua esposa o questiona.

Dois fatos ilustram, de forma bastante contundente, a alienação daqueles trabalhadores, combatidos pelo processo capitalista, que se fortalece na Europa, ainda em reconstrução pós-Guerras Mundiais. O primeiro é que eles não sabem para que servem as peças que fazem. Lulu visita um ex-companheiro de trabalho (Militina) internado em um hospício, por ter tentado estrangular o chefe que se recusou a responder qual a utilidade do que fabricavam.

Outro fato é que ele calcula quantos dias de trabalho foram necessários para pagar os produtos inúteis que comprou para satisfazer o consumismo seu, de sua esposa e do filho dela. Aliás, ele dá muitos presentes ao enteado e o trata com carinho, apesar dos castigos físicos aplicados, embora estes fossem comuns no contexto daquela época.

Com um acidente que lhe decepa um dos dedos, Lulu principia-se a perceber o trabalho de forma diferenciada, pois percebe em si mesmo um mero escravo do setor produtivo em prol de um sistema que encara os trabalhadores apenas como instrumentos, objetos no setor.

Com insistência seus superiores tentam resgatar seu lado manipulável, mas ele se entrega a proposituras voltadas à luta dos operários, ainda que sem uma sistemática e organizada liderança sindical. Vale ressaltar que naquela época os sindicatos ainda travavam entre si uma batalha para coadunar o máximo de trabalhadores.

Após apoiar a questão associada ao fim das metas, que geram uma série de conflitos e hostilidades, Lulu Massa é demitido o que gera ainda mais revolta nele.

O filme demonstra a diferença entre a divisão social e a técnica do trabalho. Entende-se por divisão social a que tem por característica uma sociedade onde cada indivíduo está contido em grupo que realiza um determinado tipo de atividade. Já na divisão técnica há uma diminuição do trabalho o qual colabora com a minoração da habilitação do laborioso, pois fica responsável por uma ínfima parte do processo.

Considerando apenas o trabalho, podemos chamar a separação da produção social em seus grandes ramos - agricultura, indústria etc. - de divisão do trabalho em geral; a diferenciação desses grandes ramos em espécies e variedades, de divisão do trabalho em particular; e a divisão do trabalho numa oficina, de divisão do trabalho individualizada, singularizada. [...] enquanto a divisão do trabalho quer se processe ou não através da troca de mercadorias, é inerente às mais diversas formações econômicas da sociedade, a divisão do trabalho manufatureira é uma criação específica do modo de produção capitalista (MARX, 2002, p. 406-414).

O trabalhador se aliena por perder as possibilidades de compreender o todo e passa a conhecer somente parte da uma produção. No filme, nem mesmo é dado ao operário o direito de saber o que fabrica e qual a serventia da sua força de trabalho.

A mensagem que o filme passa é sem dúvida quando Lulu conversa com seus companheiros e descreve o sonho que teve relacionado à queda do muro da fábrica e, por extensão, do sistema capitalista. Ocorre uma humanização da personagem, quando o mesmo não mais se encontra como uma peça da máquina/fábrica, mas como parte integrante de um sistema produtivo. O que possibilita ao trabalhador sair do imperativo, o qual estava mergulhado ideologicamente.

Porém, existe uma pergunta: para onde iria a classe operária, caso permanecesse nesta rota de colisão com os processos sistêmicos, se aproximando de um socialismo cada dia mais efetivo?

Os pobres ficam loucos porque tem pouco, e os ricos ficam loucos porque tem demais. (PETRI; PIRRO & TUCCI, 1971, através do personagem Militina).

Revista Brasileira de Gestão e Engenharia – ISSN 2237-1664 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número IV Jul-dez 2011	Trabalho 07 Páginas 115-118
http://www.periodicos.cesg.edu.br/index.php/gestaoeengenharia	periodicoscesg@gmail.com	

REFERÊNCIAS

PETRI, Elio; PIRRO, Ugo; TUCCI, Ugo. *A Classe Operária Vai ao Paraíso* (La Classe Operaia Va in Paradiso, Itália, 1971). (Filme). Direção de Elio Petri, Produção de Ugo Tucci, Argumento e Roteiro de Elio Petri e Ugo Pirro. Euro International Films, 125 min aprox., cor, som.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livro 1. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.